

Lívio Barreto e o Verso Humorístico

Sânzio de Azevedo

1 — INTRODUÇÃO

De uma forma ou de outra, todos nós rimos. Assim, não é de admirar que também os poetas riam. É bem verdade que, segundo Bergson, a comicidade exige, para sua existência, que haja insensibilidade: “A indiferença é o seu ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção.” (1) Mas há muito que se admite poder haver poesia sem emoção...

Sem entrarmos na traiçoeira discussão sobre se o verso humorístico é ou não poesia, observemos que nem todos os poetas brasileiros fizeram poemas cômicos, mas em todas as correntes estéticas vamos encontrar poetas que os praticaram.

Lancemos um olhar às origens da poesia nacional e lá encontraremos, em meio às “agudezas” do Barroco, o terrível Gregório de Matos a espalhar sátiras e epigramas; no Neoclassicismo, basta lembrar as *Cartas Chilenas*, atribuídas a Gonzaga; no Romantismo, não são poucos os autores de versos facetos, desde Gonçalves Dias a Castro Alves, passando por Álvares de Azevedo e Varela, e sem esquecer os bestialógicos de Bernardo Guimarães; no chamado Parnasianismo, inúmeros poetas fizeram epigramas, mas contentamo-nos em citar Emílio de Menezes, Olavo Bilac, Bastos Tigre e Artur Azevedo; no Simbolismo, talvez possamos lembrar B. Lopes com alguns de seus *Cromos*, e Alphonsus de Guimaraens com os versos humorísticos recolhidos em sua obra completa; no Modernismo, o humor e o humor estão presentes em inúmeros autores, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Ma-

1 BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p. 12.

nuel Bandeira, Murilo Mendes, Sérgio Miliet, Carlos Drummond de Andrade, e quantos mais!

Entretanto, sobre o Simbolismo, é interessante uma observação, para não dizer retificação: falamos em B. Lopes e Alphonsus de Guimaraens, mas convém lembrar que o humorismo de alguns cromos belopianos é de sua primeira fase, geralmente considerada parnasiana, mas que preferimos chamar de realista. Restam-nos assim os versos cômicos de Alphonsus de Guimaraens, versos que, entretanto, foram estampados em jornais como *Conceição do Serro*, *O Germinal* e *O Alfinete*, segundo informação de Alphonsus de Guimaraens Filho, que acrescenta havê-los o poeta publicado na imprensa "sem que lhe ocorresse ou mesmo admitisse nunca a hipótese de reuni-los em livro". (2) Advirta-se que, nos periódicos, esses versos humorísticos eram firmados com pseudônimos.

Aliás, não é caso para se estranhar o fato de se encontrarem poucas produções de caráter cômico entre os simbolistas: a própria corrente, nascida de Baudelaire, buscava a poesia pura, aquela que fosse livre das impurezas que o Romantismo não havia exterminado, e que o Realismo havia exacerbado, e seus cultores, vendo a arte como uma religião, não iriam publicamente servir-se do Verso, (que, ao lado de outros muitos vocábulos, grafavam com maiúscula), para cantar coisas que não fossem da maior gravidade.

Na literatura cearense, o panorama não é muito diferente: deixando de falar do período neoclássico, já que dos poetas dos Oiteiros apenas ficaram as composições laudatórias, podemos citar, no Romantismo, as sátiras de Juvenal Galeno, em *A Machadada* (1860) e nos *Folhetins de Silvanus* (1891), bem como o *D. Juan Cacique* (1881), de Barbosa de Freitas. No Realismo, basta citar os *Cromos* (1895) de X. de Castro. No Simbolismo (anterior ao Parnasianismo no Ceará, a nosso ver), temos uns poucos versos de Lívio Barreto. No Parnasianismo, as terríveis e nem sempre justas alfinetadas dos *Maricas e Maricões* (1912) de Irineu Filho; epigramas esparsos de Antônio Sales; outros, menos conhecidos, de Júlio Maciel; alguns passos da *Musa Risonha* (1920), de Otacílio de Azevedo. Não podemos deixar de aludir a nomes não enquadráveis rigorosamente numa escola, como Temístocles Machado, autor d'*A Fileteida* (1898), Eurico Facó, autor dos ainda inéditos *Pingos de Chumbo*, Álvaro Martins, Fernando Weyne, Ramos Neto, Pe. Antônio Tomaz e, sobretudo, Quintino Cunha, para não falarmos de outros. No Modernismo, ocor-

2 GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. "Critério da edição". In: GUIMARAENS, Alphonsus de. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960. p. 13.

rem-nos os nomes de Heitor Marçal, Jáder de Carvalho, Martins d'Alvarez, que eventualmente cultivaram o humor, e Edgar de Alencar, que dele fez o *Leitmotiv* de grande parte da sua obra em verso.

Do Simbolismo, referimo-nos apenas a um nome: Lívio Barreto. E é precisamente dele que trataremos no presente trabalho, focalizando, em contraste com sua obra de coloração melancólica, os poucos versos em que rendeu homenagem ao riso, tão pouco celebrado pelos corifeus de sua confraria estética.

2 — LÍVIO BARRETO

2.1 — *O Mal do Fim do Século*

Como todos os simbolistas, e ainda mais pelo muito de romântico ainda remanescente em sua poesia, Lívio Barreto (1870-1895), em seu único livro, *Dolentes* (1897), mostra-se quase sempre um poeta triste, às vezes refletindo maus preságios, como em "Doente" (Fecho os olhos e escuto. O silêncio retalha / O vento que entra e sai pelas frinchas da porta, / Com o som de uma tesoura a cortar a mortalha / Para o meu corpo e range, e corta, e corta, e corta!); ou fundas melancolias, como em "Lágrimas", seu mais famoso soneto (Lágrimas tristes, lágrimas doridas, / Podeis rolar desconsoladamente! / Vindes da ruína dolorosa e ardente / das minhas tôrres de luar vestidas!) ou em "Litanias" (Que vida esta amarga e treda, / Que desabar! que terremoto! / Que fim brutal! que horrível queda! / Que vida esta amarga e treda! / Missal do sonho nos ventos rôto.). Às vezes é evidente que a amargura é fruto de desilusões amorosas, como em "Último Desejo" (Quando vier a Morte, ouve-me, escuta / A minha triste e última vontade: / Ela resume a minha mocidade / Que crepúscula e pálida se enluta. / ... / Respeita a minha campa úmida e fria, / Não n'a ultraje tua hipocrisia: / Sim! em nome das Lágrimas, não chores!). (3)

Artur Teófilo, amigo de infância e depois companheiro na Padaria Espiritual, num artigo publicado n'O *Pão*, em 15 de outubro de 1895, no referir-se a uma antiga paixão do poeta, afirma, como amigo e confidente, que "toda a obra literária do Lívio Barreto não é mais que o diário escrito dessa infeliz paixão, que tão implacavelmente o torturou, impres-

3 BARRETO, Lívio. *Dolentes*. 2.^a ed. Organização de Braga Montenegro. Apresentação e notas de Sânzio de Azevedo. Fortaleza, Secretaria de Cultura do Ceará, 1970. p. 69, 90, 154 e 215.

sionando-o muito, roubando-lhe a energia e desenhando-lhe sôbre o rosto a nódoa de duas olheiras". (4)

Há nos *Dolentes* um poema formado por dois sonetos, intitulado "Condenado": na primeira parte, vemos, nos quartetos, uma cena onde um condenado espera o momento da morte. Entretanto, restam-lhe rasgos de esperança, e diz o primeiro terceto: "Mas, quem sabe? o perdão talvez, ainda / Chegue a tempo. Um instante mais!... infinda / Tortura! e chora, e reza e desespera!..." Os últimos versos nos mostram o poeta confessando que também seu coração, cheio de dúvidas, "vê morrer uma por uma / As ilusões e no entanto espera!" Apesar do título do poema, poderíamos esperar que a segunda parte (o soneto II) trouxesse a consolidação dessa esperança. Engano: o poema, datado de 10 de julho de 1895, ano da morte do poeta, é nimbado por um desengano amargo e irremediável:

Esperar! esperar! quando a alma chora
E sangra o coração que se enoitece,
E a esperança a tremer desaparece
E não mais volta quando volta a aurora!

O árabe a seguir deserto em fora
Vendo o *simoun* que aos poucos aparece
Já não pode esperar! reza uma prece
E cai sequioso à sede que o devora.

Ruge em meu peito o coração ferido,
Bate convulso às grades da prisão
Como um leão em malhas envolvido.

Enquanto o espectro da desilusão
Gargalha e ri, feroz como um bandido
Apunhalando em fúria um coração. (5)

Essa angústia, que às vezes se resolve em puro tédio ("Spleen" é o título de um soneto de Lívio Barreto), está bem de acordo com o desalento dos decadentistas que, de certa forma, lembravam os românticos em sua tristeza e em seu cansaço da vida, o que levaria Guy Michaud a dizer, falando dos seguidores de Baudelaire, que "ce nouveau mal du siècle,

4 Apud CAVALCANTE, Valdemiro. "Lívio Barreto". In: BARRETO, Lívio, op. cit., p. 233.

5 BARRETO, Lívio, op. cit., p. 201-2.

nous pourrons le nommer à bon droit la 'mal de fin de siècle'." (6)

O que não impediria o poeta cearense de, uma vez ou outra, esquecer a angústia finissecular ou suas desditas sentimentais para derramar um pouco de riso em seus versos de moço. . .

2.2 — *Humor em Versos Inéditos*

Pesquisando nos arquivos de Antônio Sales, graças à gentileza do escritor Pedro Nava (sobrinho afim do fundador da Padaria Espiritual), encontramos uma carta de Lívio Barreto dirigida não ao poeta dos *Versos Diversos*, mas a Ulisses Bezerra, componente também da buliçosa e célebre agremiação que marcou época na história das letras e das artes no Ceará.

Essa carta se inicia com um poema humorístico do autor dos *Dolentes*, composição vazada predominantemente em heptassílabos (ou redondilha maior), mas com um verso de uma sílaba, um de duas, um de três e ainda um de quatro. Transcrevamos esse poema tal como se encontra no original manuscrito, respeitando não só a grafia, mas também a disposição dos versos:

Estou burguesificado!
Falta-me apenas a pança;
Sou como uma ovelha mansa.

Sybaritico conforto!
Cheguei ao porto alvejado,
Cheguei ao sagrado porto

Da burguezia!
Quebrei com a clava da Pratica
Os cornos da Poesia.

Da minha vida enigmatica,
Bohemia, nervosa e louca,
Passei á lucta sympathica
Somente do pão p'ra bocca!

Sonhos, pilherias, escandalos,
Saltos por cima da Ordem,
Vandalos!
Satyras rubras que mordem
Bagagem cruel de outr'ora,
Nem penso mais n'ella agora!

6 MICHAUD, Guy. *Méssage poétique du Symbolisme*. Paris, Nizet, 1947. p. 236.

Muito serio a trabalhar
Completo o meu dia honesto...
De resto
Sou um rapaz exemplar.

Charutos, cigarros brancos...
Foi um dia... estou a vel-os!...
Hoje... só dos amarelos.

Ora quem diria que eu
Nihilista da hipocrisia,
De quem até se dizia
Ser atheu,

Havia de ir para o seio
Fluidicamente pacato
Da *burgueza* sociedade,
Como um morganho que veio
De muito boa vontade
Cahir na bocca de um gato!

No verso segundo da segunda estrofe, está realmente grafado “porto *alvejado*”, embora estejamos propenso a admitir que fosse bem mais lógico houvesse o poeta escrito “porto *almejado*”. Tratando-se de carta a um amigo, não é fora de propósito imaginarmos tivesse sido redigida sem muito cuidado, ou mesmo com alguma pressa. Quanto ao verso terceiro da última estrofe, uma vez que se trata de um heptassílabo, como a maioria, pode parecer estranho o fato de estar avançado. Foi assim, porém, que o grafou o poeta que, também sem razão aparente, pôs na mesma disposição toda a primeira estrofe.

Essa composição tem muito de irônico: é uma vasta antífrase, em que o poeta, semelhando fazer a apologia do pragmatismo e desprezar a boêmia literária, na verdade faz exatamente o oposto. “De modo genérico — explica Massaud Moisés —, a ironia consiste em dizer o contrário do que se pensa, mas dando-o a entender. Estabelece um contraste entre o modo de enunciar o pensamento e o seu conteúdo. De onde aproximar-se da antífrase.” (7)

Essa ironia parece atingir o próprio poeta, já que ele mesmo se satiriza, confessando-se “burguesificado”. Mas é claro que a sátira se dirige na verdade à burguesia, com todos os valores que o poeta conscientemente despreza, e que aqui finge exaltar. Pensando na biografia de Lívio Barreto,

7 MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**, 2.^a ed. São Paulo, Cultrix, 1978. p. 295.

que levou sua breve existência a sonhar com a Arte, mas forçado sempre a mourejar no comércio, que ele — segundo ainda o testemunho de Artur Teófilo — odiava, poderá alguém imaginar que intimamente o autor desejava ter nascido um homem prático, e não um poeta, daí os versos em que diz haver quebrado, com a clava da Prática, os cornos da Poesia. O texto, porém, não nos autoriza a tanto: é mais provável, dentro de uma abordagem menos impressionista, que o poeta, para objetivar seu ataque à burguesia, tenha imaginado a “burguesificação” justamente de um indivíduo sonhador, um poeta, no caso, ele próprio. O vocábulo *burguesia*, aqui, como de resto em todos os textos da *Padaria Espiritual*, deve referir-se não exatamente à burguesia, em termos estritamente sócio-políticos (como na crítica marxista), mas àquela classe de homens práticos, ricos ou não, “que se referiam depreciativamente às preocupações literárias”, (8) como lembra José Ramos Tinhorão.

No único trecho da carta a Ulisses Bezerra em que se refere a esse poema, escreveu Lívio Barreto: “Estes versos escriptos ha muito tempo encontrei-os hoje por acaso e por desfastio aqui t’os transcrevo.”

Por menos que prezemos o estudo da biografia para a elucidação do texto, não podemos deixar de indagar, talvez inutilmente embora, se este “ha muito tempo” se reporta a uns três anos ou a período mais vasto. Expliquemo-nos: é que a carta é datada de 11 de setembro de 1895, e não podemos saber se os versos datam dos primeiros tempos da *Padaria Espiritual*, fundada em 30 de maio de 1892, e que ficou famosa por sua verve humorística. Seria o caso de se pensar que Lívio Barreto, poeta de tons elegíacos, e que por isso se sentia à vontade no Simbolismo, havia começado a produzir versos cômicos ao saudável calor do “forno”, onde o riso explodia ao som dos versos facetos de Antônio Sales, Álvaro Martins, Sabino Batista e outros “padeiros” joviais.

Há porém um trecho do citado artigo de Artur Teófilo que fala do jornal *Iracema*, de Granja, no qual Lívio Barreto revelou “a sua decidida vocação para às letras, publicando versos e escrevendo crônicas humorísticas”. (9) Ora, tendo isso ocorrido antes de sua viagem ao Pará, em 10 de junho de 1888, fica claro, pela alusão a essas crônicas humorísticas, que o poeta apenas encontrou na “*Padaria*” ambiente propício à prática do verso cômico, embora não seja nada copiosa sua produção nesse terreno...

8 TINHORÃO, José Ramos. *A província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966. p. 59.

9 *Apud* CAVALCANTE, Valdemiro, op. cit., p. 232.

O que não podemos saber ainda é se essas “Satyras rubras que mordem” da quinta estrofe aludem realmente a versos feitos outrora: as pilhérias e os escândalos, pelo menos, combinam bem com os primeiros tempos da “Padaria”...

O certo é que, apesar de satirizar, na penúltima estrofe, seu próprio nihilismo, que aparece como hipócrita, o ataque à burguesia se configura claro (e já não somente irônico) nos versos finais, onde o autor, apesar de tantos elogios à vida burguesa, se compara a um rato que voluntariamente cai na boca de um gato...

Alguns versos desse poema rimam dentro da mesma estrofe, ao passo que outros vão rimar com um ou mais versos da estrofe seguinte. Todavia, não sabemos se por distração do poeta ao compor o poema, ou ao transcrevê-lo na carta (o que é mais plausível), há um verso que não rima com nenhum outro: o primeiro da sétima estrofe. (Seria essa estrofe um quarteto a que falta o terceiro verso?)

Anterior aos tempos da Padaria Espiritual ou contemporâneo dela, o que nos parece fora de dúvida é que essa composição de caráter cômico, sem título, é absolutamente inédita, pois não tendo sido publicada antes de 1895, não o seria também n’O *Pão*, jornal que circularia até outubro de 1896.

De tons também humorísticos, e de autoria igualmente de Lívio Barreto, havia estampado o órgão da Padaria Espiritual, ainda em sua primeira fase, de 1892, o poema que a seguir comentaremos.

2.3 — *Das Páginas d’ O Pão*

Nos primeiros tempos d’O *Pão*, os “padeiros” apareciam assinando produções, em prosa e em verso, com seus “nomes de guerra”, ou seja, com os pseudônimos que todos usavam. De forma que, ao leitor não iniciado nos mistérios da alegre e original confraria, não será fácil saber que, sob o criptônimo de Moacir Jurema, está Antônio Sales, sendo que Lucas Bizarro é Lívio Barreto, Félix Guanabarro esconde Adolfo Caminha, e assim por diante...

No n.º 5 do periódico há a transcrição de um poema assinado por Lucas Bizarro (Lívio Barreto), e precedido desta nota, muito provavelmente redigida por Antônio Sales, ou melhor. Moacir Jurema, que preferiu não a assinar:

Nosso colega Lucas Bizarro, que se acha exilado em Granja, teve uma idéia bizarramente gentil, só digna dele.

Imaginem qual fosse a idéia do Lucas...

Não adivinham?

Pois fiquem sabendo que o Lucas mandou à Padaria, pelo último vapor, nada mais nada menos do que um pote de doce de cajus acompanhado de um punhado de quadras tão doces também que nós achamos que o que ele mandou foi um punhado de cajus rimados e um pote de versos em calda de açúcar.

Entendendo que o pote de doce não chega para os leitores d'O PÃO, resolvemos oferecer-lhes somente os versos — deliciosos bons-bocados que a gente devora com os olhos. (10)

Em seguida vem o poema, dividido em duas partes, e composto de treze quadras em redondilha maior com as rimas ora em ABBA (as quadras 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9 e 13), ora em ABAB (4, 6, 10, 11 e 12). A essa composição refere-se Leonardo Mota em seu meritório livro *A Padaria Espiritual* (1938), mas em sua transcrição, além da alteração de alguns versos, foram omitidas as estrofes 8, 9, 10 e 13. Reproduzamo-lo tal como figura no jornal dos “padeiros”:

PADEIROS,

Desse potinho de barro
Vão o miolo comendo,
Qual se estivessem mordendo
O proprio Lucas Bizarro.

Tupiniquim que presida
E o Moacyr que reparta
De formas que fique farta
Vossa pança... *cajúcida*.

O glorioso Jaguar
E o terramotal Estoiro
Cubrão com pilherias doiro
A nudez do meu *jantar*.

Que trocem a burguezia
O Satyro e o Frivolino,
E dê *ondias* de harmonia
O Sarazat no violino.

O bom e grave Correggio
Não seja de tinta avaro:
Pinte um medonho ignaro
Com ar de professor regio...

Eu lembro que tomem nota
Para que haja o que me agrada:
— O foguete da anedota
E a bomba da gargalhada.

E para que isso saia,
Que passe do riso ao choro
Chamem um que faça côro
Com o Paulo Kandalaskaia.

Ó Félix Guanabarino,
Para que tu não me escapes,
Traça uma chronica a lapis
Desse banquete genuino.

I I

Vamos, comi-me esse doce
Gulosa, soffregamente!
Modestíssimo presente
D'um padeiro que lembrou-se

Dessa bohemia alegria,
Desse aconchego divino,
Que fazem da Padaria
O nosso Bairro Latino.

Pois creio que até Jezus
De tédio cansado e morno
Às vezes desce da Cruz
E vai flunar pelo Forno...

Conclúo. Não me agradeçam,
Por quem são não se incomodem:
Vá! as pilherias que desçam
E os cumprimentos que rodem!

Que eu em nome da Alegria,
Dos alvos risos guerreiros,
Lego o meu doce aos Padeiros,
E o meu pote á Padaria... (11)

Temos de reconhecer que nessa composição a graça é mais restrita: trata-se de um poema de circunstância, cuja comicidade foi sem dúvida infinitamente maior para os "pa-

11 Ibidem, p. 7-8.

deiros” que o leram naquele distante 1892, quando viram a si mesmos e a alguns companheiros retratados com seus “nomes de guerra”. Aí estão nomeados o próprio Lívio Barreto (Lucas Bizarro); Jovino Guedes (Venceslau Tupiniquim), primeiro Padeiro-mor do grêmio; Antônio Sales (Moacir Jurema), idealizador da “Padaria” e seu Primeiro Forneiro; Tibúrcio de Freitas (Lúcio Jaguar), autor de raras páginas em prosa; Alvaro Martins (Policarpo Estoiro), poeta que cedo romperia com o grêmio; Sabino Batista (Sátiro Alegrete), poeta nascido na Paraíba; Ulisses Bezerra (Frivolino Catavento), prosador que não deixou livro; Henrique Jorge (Sarasate Mirim), um dos músicos da “Padaria”; Luís Sá (Correggio del Sarto), o único pintor do grupo; Joaquim Vitoriano (Paulo Kandalaskaia), espécie de guarda-costas dos “padeiros”, segundo Leonardo Mota; e, por fim, Adolfo Caminha (Félix Guanabarrino), o romancista d’A *Normalista*, outro que haveria de abandonar a agremiação.

Aí está a troça à burguesia, com o encarecimento das pilhérias, sem faltar a alusão ao “medonho ignaro” ou seja, o indivíduo que atenta contra o bom-gosto e que não preza a arte. Não deixa o poeta de lembrar o tédio, ao dizer, um tanto irreverente, que até Jesus “vai flunar pelo Forno”, mas sempre com a exortação ao riso, tão característico da Padaria Espiritual, notadamente em seus primeiros tempos.

Seria o caso de algum leitor advertir que Lívio Barreto, pelos textos até agora apresentados, não fugiu à regra entre os simbolistas brasileiros: os versos reproduzidos em primeiro lugar (os mais recentes, por sinal) foram por nós encontrados numa carta, não tendo sido portanto divulgados antes. Quanto às trovas que acompanharam o pote de doce, nem sabemos se o poeta as enviou com a intenção de que fossem publicadas, e, dado que o fossem, como o foram, seriam sob pseudônimo, e num jornal, que geralmente não tem a perenidade do livro.

Ocorre, entretanto, que mesmo no seu livro de poesia o escritor granjense incluiu versos onde está presente a nota cômica.

2.4 — *Dos Dolentes*

Conforme tivemos oportunidade de assinalar numa das notas à segunda edição do livro de Lívio Barreto, apesar de não se haver libertado completamente da dicção romântica, num de seus poemas o autor satiriza o Romantismo. Trata-se de “Romântico”, datado do ano de 1893 e vazado em octosílabos. Por estar reproduzida na referida edição, que é de 1970, não vamos transcrever aqui todas as dezoito estrofes dessa composição, que se inicia assim:

Eu conheci em tempos idos
Um bom rapaz, modesto e nobre,
D'olhos leais e refletidos,
Um nada ingênuo e um nada pobre.

Amigo certo: na hora extrema
Entre as procelas do perigo,
Ele mostrava o oiro, a gema
Do coração de um bom amigo.

Sóbrio e robusto como um cedro,
Tinha a altivez de uma alma honesta,
Nunca negou como S. Pedro
Na hora trágica e funesta.

Até aqui, nada de humorístico, e muito menos de satírico: pelo contrário, é até comovente essa descrição das virtudes do moço focalizado, descrição que se estende ainda por duas estrofes, onde se fala de seu verbo, seu pulso e seu coração, e até das inspirações de poeta. Mas eis que tudo se transforma diante da “côr fatal de um rosto pálido / E ao fogo de um olhar ardente”. E o narrador explica:

Dera-se o caso que eu lastimo
Um caso ser dos mais triviais:
Vira uma moça, um beijo, um mimo,
E apaixonou-se nada mais.

A partir de então é mais claro o intuito satírico: o “heróico moço” começa a erigir castelos no ar, e a encher-se de tantos projetos quantas são as ondas do Atlântico: “fêz-se romântico”:

Passava as noites ao relento
Com os olhos fitos na janela
Aonde apenas um momento
Tomava fresco a sua bela.

O pior é que, enquanto os mais felizes travavam animadas conversas com a musa de seus sonhos, ele, “o rei dos infelizes, / Cantava ao luar canções magoadas”.

Não somente a pureza exagerada e extremamente ingênua dos aedos lamartinianos mas igualmente os arroubos de valentia dos bardos byronianos merecem as farpas da sátira lívio-barretiana: depois de expor ao ridículo os balcões ao luar e as escadas de seda, vem a crítica à fanfarronice espanholesca, nesta estrofe em que há explícita alusão à escola:

Julgou-se nobre e grande e belo
(O que fazia a tal escola!)
Que aparelhou-se de um cutelo
E usava capa à espanhola.

Tal como já fizera Carvalho Júnior, em famoso soneto contra o sentimentalismo romântico (“Profissão de Fé”), Lívio Barreto não foge à influência do próprio Romantismo, ao escrever “Que aparelhou-se de um cutelo” onde a colocação do clítico lembra certos passos da dicção de Álvares de Azevedo ou de Castro Alves.

Prossegue o poeta-narrador, contando que tantas foram as asneiras do moço que a jovem, farta de aturá-lo, terminou por casar-se com outro; ele ainda lhe fez uma carta falando em suicídio, mas, a tempo conseguiu escapar à loucura, num gesto supremo, em que havia um resto de orgulho. Repete-se de certa forma o mesmo processo usado no início do poema: quando pensamos novamente numa imagem lisonjeira do rapaz, eis que as duas estâncias finais nos dão este retrato nada animador:

Ah! quis viver para ser homem!
Mas, tanto olhava e suspirava
Que novas mágoas o consomem
Vendo-se vivo com tal cara.

Pois o infeliz que se viu salvo
Do romantismo ao vírus rábico
Viu que ficou além de calvo,
Com a bôca torta e o olhar estrábico... (12)

É oportuno advertir que no Ceará, até no alvorecer do século XX, havia poetas que ainda cultivavam fielmente o sentimentalismo romântico, o que vem conferir força de polêmica a esses versos de Lívio Barreto.

3 — CONCLUSÃO

O traço humorístico não é certamente a face mais característica da obra do nosso poeta. Nem seria de se esperar que fosse, visto que o Simbolismo, com sua sacralização da Poesia, não poderia admitir, senão raramente, o cômico em verso, como já foi acentuado. E ele, o poeta cearense, autor justamente dos *Dolentes*, que mais de uma vez afirmamos ser

12 BARRETO, Lívio, op. cit., p. 142-5.

o livro máximo da corrente no Ceará não poderia mesmo privilegiar o verso humorístico.

Todavia, acreditamos que os três poemas que comentamos, um inédito, encontrado numa carta a Ulisses Bezerra; outro, exumado das páginas d'*O Pão*; e outro, por fim, incluído no livro do poeta, ao lado de inúmeras composições onde palpitam a melancolia dos tristes, o tédio dos desanimados e até a angústia dos desesperados, esses três poemas bastam para nos mostrar um lado pouco explorado de sua arte.

Lendo outra carta inédita, esta dirigida a Antônio Sales — e cuja leitura também agradecemos a Pedro Nava —, e datada de 20 de julho de 1892, vemos a graça com que se referiu o poeta, que se assina simplesmente *Lucas*, ao jornal da "Padaria": "Saboreei O Pão com tanta gula que quaze me engasgava! Ó Pão adoravel! Pão do espirito! Pão dalma! Pão do coração! Pão do Bom-gosto! Aquelles versinhos intercalados são simplesmente enorrmes!"

Poderia parecer que Lívio Barreto, quando escreveu esta carta, estava ainda bem longe do tédio que o acometeria já bem perto de sua morte, apesar de seus vinte e cinco anos e meio. Acontece, porém, que naquela mesma carta dirigida a Ulisses Bezerra, datada de 11 de setembro de 1895 (dezoito dias antes de sua morte repentina, no dia 29) há este trecho: "Esquecia-me acuzar o recebimento da tua carta, que muito contribuiu para minorar a aguda *spleenite* de que estou atacado." Nem por isso ele deixou de reproduzir os versos, antigos embora, em que jocosamente fala de sua "burguesificação"...

Talvez seu humorismo não seja dos melhores, estando assim dentro do gênero, muito abaixo do plano a que puderam chegar algumas de suas páginas líricas. Não é sempre, porém, que se podem ler versos humorísticos de um seguidor da escola de Verlaine...